

REVISTA STRAVAGANZA / arte+ cultura+ extravagância



Um pai em cadeira de rodas joga xadrez com seu filho, hábito cultivado há anos. O clima entre eles, no entanto, é tenso, como se observará até num jantar, quando ambos se sentam bem distantes um do outro. É uma relação conflituosa. Uma governanta a tudo acompanha e retém um segredo. Mais adiante e um personagem cego incorpora-se à trama. Toda a história, transcorrida sem palavras e de forma não linear, está escorada na gestualidade, em sussurros e olhares. Na lírica e emocional encenação da Companhia Dos à Deux, sentimentos e estados de alma são traduzido pela linguagem do corpo, veículo que irradia o mundo

interior dessas figuras enredadas em desejos, culpas e incompreensões. Dirigido pela dupla Artur Ribeiro e André Curti, também intérpretes, ao lado de Matías Chebel e Maria Adélia, o espetáculo tece este retrato do paradoxo das relações humanas com imagens belas, singelas, desconcertantes e efêmeras – uma cena é interrompida e mais adiante é retomada sob ângulo diferente ou aberta a outra leitura. A falta de unidade no tempo e espaço é proposital. Não se trata de alguma incongruência do roteiro porque a narrativa se desenvolve não a partir da história, mas dos conflitos, dos equívocos e das buscas individuais dos personagens. O público é convidado a construir um fio condutor, conceder um sentido lógico ao movimento e às ações destes quatro personagens cujas vidas estão emaranhadas e que deixam entrever uma intensa vontade de reordenar rumos e destinos - o filho, por exemplo, leva vida dupla e acaba despertando o afeto de um deficiente visual. A aproximação entre os dois, por sinal, é mais uma evidência da assimetria que acomete os personagens dessa peça.

A montagem exala depurada arquitetura visual, que mescla traços geométricos, ingredientes barrocos, penumbra e uma pegada kitsch que, em alguns momentos, como nas sequências ambientadas no cabaré, flerta com o universo almodovariano, mas sem o tom efusivo dos filmes do cineasta espanhol. A proposta deste teatro gestual contempla o entrelaçamento de linguagens, como a dança, a manipulação de marionetes, o canto e recursos multimídia. Tudo é muito rigoroso, em especial a maneira como os bonecos são manipulados, que parecem ganhar vida humana. Figurinos, cenografia e iluminação extrapolam a função de oferecer suporte às cenas e ampliam os significados da narrativa. Nada está solto no palco. Uma enorme caixa com portas, quadros e pontos de passagem dialoga com os objetos de cena. O jogo de claro e escuro, que facilita a troca de cenário, é desenhado também para propiciar efeitos de ilusionismo – a luz detalhista sublinha um gesto, uma expressão, um pequeno movimento. Onipresente, a trilha entremeia notas, ruídos, ressonâncias e outros registros sonoros. O resultado é um espetáculo convincente, orgânico, onírico, que passeia por diversas linguagens sem se prender às suas regras. Com o adicional de momentos de sublime poesia. **(Edgar Olimpio de Souza -eolimpio@uol.com.br)** *(Foto Xavier Cantat)*